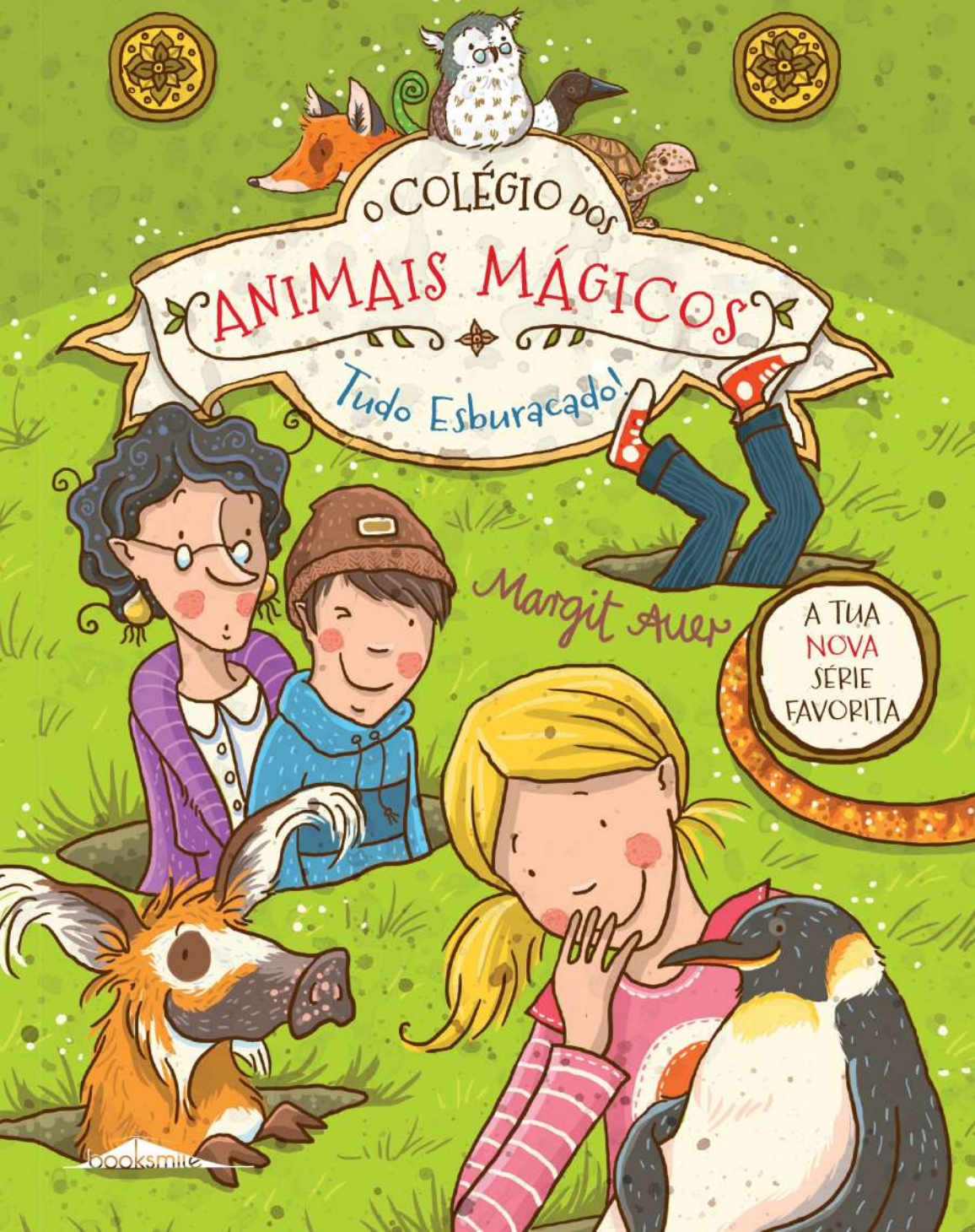




O COLÉGIO DOS

ANIMAIS MÁGICOS

Tudo Esburacado!

Margit Auer

A TUA
NOVA
SÉRIE
FAVORITA

Que comece a aventura!



Colégio Winterstein

Um colégio muito normal, com um diretor, um contínuo e um pátio, também normais... Completamente normais? Bem, quase.

É que há um pequeno segredo.



A professora Cornfield

Dá aulas no Colégio Winterstein. Parece austera, mas no fundo só quer o melhor para os seus alunos. Sabe sempre quem precisa de ser mais ajudado.



O senhor Mortimer Morrison

Proprietário da Loja dos Animais Mágicos. Tem uma companheira inseparável: a **Pinkie**, a pega brincalhona.

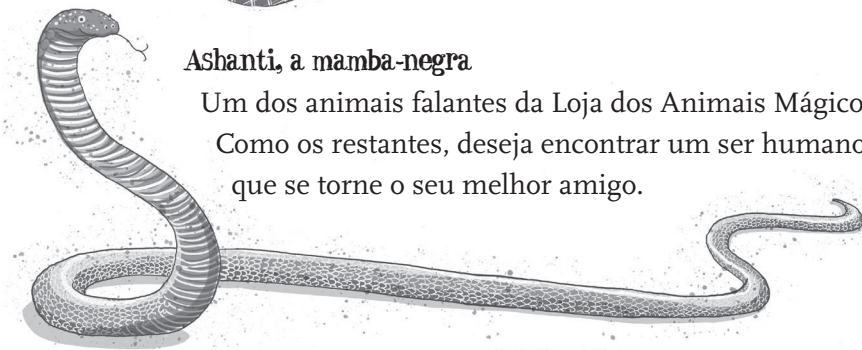


O autocarro do senhor Morrison

Leva o seu dono pelo mundo inteiro para recolher animais mágicos.

Ashanti, a mamba-negra

Um dos animais falantes da Loja dos Animais Mágicos. Como os restantes, deseja encontrar um ser humano que se torne o seu melhor amigo.



Seis sortudos já se tornaram melhores amigos para toda a vida:



A Ida e a raposa Rabbat

É difícil dizer qual das duas será mais inteligente. A Ida julga que é ela, porque é sempre a primeira a responder.



O Benni e a tartaruga Henrietta

As aventuras noturnas são o ponto fraco desta tartaruga. O Benni é mais calminho, mas a Henrietta passa a vida a metê-lo em sarilhos.



O Jo e o pinguim Yuri

As meninas suspiram pelo Jo. Como sabe isso, de manhã demora séculos a arranjar-se. Mas o Yuri ainda se atrasa mais quando mergulha no lago da escola.

Um animal para cada aluno... A quem calhará o próximo?



**À caprichosa
Helene?**



**À tímida
Anna-Lena?**



**Ou ao Choco
pachola?**

Correio eletrónico enviado de Dakar, no Senegal,
África Ocidental.

De: mortimer.morrison@fly.com

Para: prof-mary@mail.com

Assunto: Rumo ao Niokolo-Koba

Olá, Mary,

Estou a escrever-te de um cibercafé. Não sei que título de futebol conquistaram, mas à minha volta está toda a gente a celebrar. E há jovens com a música no máximo! Quase que me rebentam os tímpanos. Vou fugir da cidade assim que me abasteça de provisões e encontre alguém que me arranje o mosquiteiro. Amanhã já estarei no Parque Nacional Niokolo-Koba. Mal posso esperar. A ver se encontro um elefante. Também espero que o autocarro aguentar o peso!

Muitos beijos, Mortimer.

P.S.: Volta a lembrar o juramento aos meninos.
É muito importante!



Buracos, covas e mais buracos! As estradas da África Ocidental eram um suplício. O velho e colorido autocarro acertou em mais um buraco, fez levantar uma grande nuvem de pó e seguiu caminho para o parque nacional.

Já era de noite. O condutor do autocarro, o senhor Mortimer Morrison, soltou um gemido indignado. Não sabia se tanto esforço valeria a pena, mas animava-se recordando que o parque era famoso pela grande quantidade de animais que albergava: hipopótamos, macacos e muitos outros.

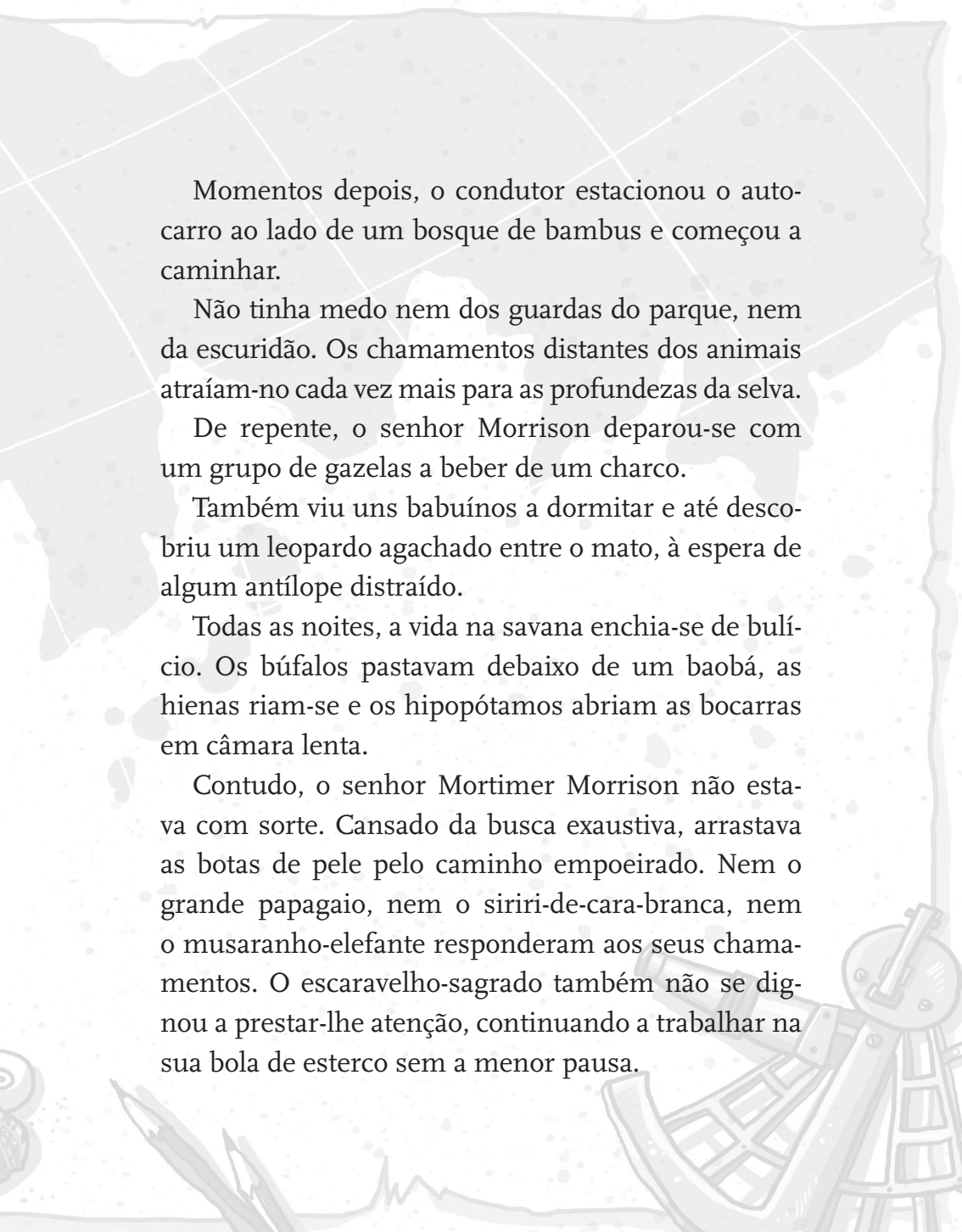
Pelo espelho retrovisor, o senhor Morrison espreitou os bancos da parte traseira. Em breve deixaria de estar sozinho.

No assento do copiloto, levava um folheto aberto, com um aviso claro de que só se podia entrar no parque acompanhado por um guia.

— Ora! — resmungou. — Ninguém vai impedir-me de chegar aos meus animaizinhos, além disso, não posso ir acompanhado.

Para encontrar animais mágicos, como é evidente, era indispensável estar sozinho.





Momentos depois, o condutor estacionou o autocarro ao lado de um bosque de bambus e começou a caminhar.

Não tinha medo nem dos guardas do parque, nem da escuridão. Os chamamentos distantes dos animais atraíam-no cada vez mais para as profundezas da selva.

De repente, o senhor Morrison deparou-se com um grupo de gazelas a beber de um charco.

Também viu uns babuínos a dormitar e até descobriu um leopardo agachado entre o mato, à espera de algum antílope distraído.

Todas as noites, a vida na savana enchia-se de bulício. Os búfalos pastavam debaixo de um baobá, as hienas riam-se e os hipopótamos abriam as bocarras em câmara lenta.

Contudo, o senhor Mortimer Morrison não estava com sorte. Cansado da busca exaustiva, arrastava as botas de pele pelo caminho empoeirado. Nem o grande papagaio, nem o siriri-de-cara-branca, nem o musarinho-elefante responderam aos seus chamamentos. O escaravelho-sagrado também não se dignou a prestar-lhe atenção, continuando a trabalhar na sua bola de esterco sem a menor pausa.



Dececionado, o senhor Morrison regressou ao autocarro. Queria dormir. Retomaria a busca no dia seguinte, depois de recuperar forças.

No entanto, alguém o esperava. Um animal castanho-arruivado, de patilhas brancas e farfalhudas e patas curtas e pretas encontrava-se deitado debaixo do autocarro. As suas orelhas compridas de pontas brancas faziam lembrar um pincel.

— Um porco-veado! — exclamou o senhor Morrison, surpreendido.

O animal levantou o focinho.

— Mortimer Morrison? — perguntou-lhe. — Todos me chamam Malagueta. Posso ir contigo?

O homem sorriu.

— Claro que sim, com todo o gosto. Partiremos ao nascer do sol.

Instantes depois, deitado no seu catre e de olhos fixos no céu estrelado que se entrevia através do mosquitoieiro, o senhor Morrison escutou os ronquidos de satisfação do pequeno javali. Os dois estavam mais felizes do que nunca.

Capítulo 1



Na segunda-feira, quando a Ida e a sua raposa, a Rabbat, voltavam para casa depois das aulas, começaram a ouvir um violino a tocar. Uma melodia flutuava no ar. A Ida acelerou o passo.

— Miriam? — murmurou baixinho antes de repetir a gritar: — Miriam!

Reconhecia o excerto. Pertencia às *Quatro Estações* de Vivaldi: era uma sequência lenta de *O Outono*, o tema preferido da Miriam. Desatou a correr e a Rabbat

segiu-a, surpreendida. Quando a companheira travou de repente, quase foi contra ela.

A Ida não se tinha enganado. À sombra do grande castanheiro da Johannisplatz, estava a Miriam, a sua melhor amiga!

Havia semanas que não dava sinais de vida e agora, sem aviso, estava a poucos metros de si, na sua nova cidade. Com um *body* às riscas, tocava o seu violino feito com três tipos diferentes de madeira. Absorta na música, fazia o arco dançar sobre as cordas. O estojo do instrumento estava aberto no chão.

— Que música tão linda! — sussurrou a Rabbat. Como qualquer outro animal mágico, podia comunicar com o seu companheiro humano. Ou companheira, pois tratava-se da Ida, que sorria com orgulho.

Nesse momento, o arco chiou e a violinista gritou:

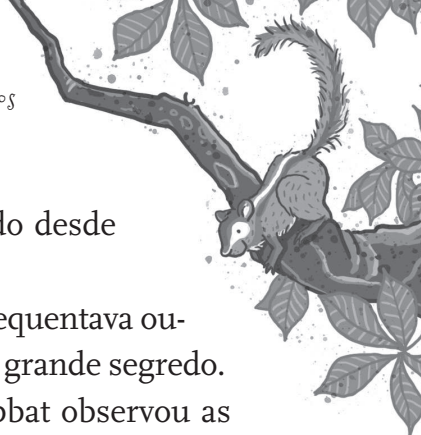
— Iiiida!

A Miriam aproximou-se e abraçou-a com todas as forças.

— Tive tantas saudades tuas! — sussurrou.

— E eu tuas! — respondeu a Ida.

Como sempre, a Miriam cheirava a flor de macieira, que era o aroma do seu champô.



Mas muitas coisas tinham mudado desde a última vez que se tinham visto.

Agora a Ida vivia noutra cidade e frequentava outra escola. E, acima de tudo, tinha um grande segredo.

Quando o abraço terminou, a Rabbat observou as duas meninas e deu um pequeno empurrão no joelho da Ida. Estava curiosa. Tinha ouvido falar tanto da melhor amiga da companheira que estava desejosa de a conhecer.

— Miriam, o que fazes aqui? — perguntou a Ida, ainda aturdida pelo encontro inesperado.

— Era surpresa! — exclamou a Miriam. — Tenho duas semanas de férias.

— Férias? Nesta altura?

A Miriam acenou com a cabeça e o sorriso ocupou-lhe a cara toda.

— Soubeste da grande tempestade que tivemos há pouco tempo? Então não é que o vento levou o telhado do colégio? Inteirinho! — Soltou uma gargalhada. — Os professores iam morrendo de susto! E a nós deram-nos férias até que ponham outro telhado. Então convenci os meus pais a deixarem-me visitar-te, e eles convenceram os teus.

— Bem, que surpresa, mesmo! — comentou a Ida, feliz. Voltar a ver a amiga enchia-a de alegria. Tinha tanta coisa para lhe contar sobre as últimas semanas...

Tinha de partilhar com ela como se sentira sozinha depois da mudança e do novo colégio; a surpresa do dia em que o senhor Morrison fora à sua aula para se apresentar como proprietário da Loja dos Animais Mágicos; a sua satisfação ao receber a Rabbat e a felicidade ao comprovar que o animal mágico era o melhor amigo que poderia imaginar.

Mas lembrou-se do juramento que ela e os colegas tinham feito perante o senhor Morrison e a professora Cornfield:

*Em silêncio permaneceremos
sobre os animais que conheceremos.
Da loja mágica não falaremos a ninguém
até ao final dos tempos e depois também.*

Tinha jurado guardar silêncio. Mas a Miriam era a sua melhor amiga e, supostamente, as melhores amigas não têm segredos entre si.

— Não ficas contente por me ver? — perguntou a recém-chegada, ao ver a Ida tão silenciosa.

A menina não sabia o que fazer. Olhou para a Rabbat e, mais uma vez, teve a impressão de que a raposa era capaz de lhe adivinhar o pensamento.

— Não te preocupes, ruivinha — disse o animal. — Vai tudo correr bem.

A Ida respirou profundamente e agarrou a amiga por um braço.

— Claro que fico! — exclamou. — É só que estou mesmo surpreendida. Anda, vamos para casa.

A Miriam guardou o violino no estojo e fechou-o.

— Ninguém me deu nem uma moeda — brincou. — Que pena. Se tivessem dado, convidava-te a irmos comer um gelado.

Porém, a Ida mal ouvia. Ia a pensar que, ao que parecia, a Miriam não via a Rabbat. O senhor Morrison bem que os avisara: só as pessoas que conhecem o segredo conseguem ver os animais mágicos. Os outros não. Quando muito, apercebem-se de uma sombra passageira.

Além disso, os animais mágicos tinham um dom especial: sabiam camuflar-se. Ou seja, em determinados

momentos, chegavam a adotar a aparência de um peluche. Era uma camuflagem perfeita.

A Miriam olhou para a sua amiga com um ar preocupado.

— Está tudo bem? — perguntou-lhe. — Estás esquisita. Porque é que não dizes nada?

— É que... — gaguejou a Ida, nervosa e a olhar para todos os lados. — Vem comigo. Tenho de te contar uma coisa. É segredo.

— Eu adoro segredos! — respondeu a Miriam com um sorriso cúmplice. — Vamos!

— Gosto muito da tua amiga — disse a Rabbat de chofre.

A Ida acariciou-lhe a cabeça e aproximou-se da visita para a ajudar com o violino.

Estavam apenas a uns passos do Cabeleireiro Frida, o negócio dos seus pais. O estabelecimento ocupava o piso térreo e a família morava por cima, no primeiro andar. Entraram pela porta das traseiras e subiram as escadas. A Rabbat passou agilmente pela frecha da porta antes que esta se fechasse.

— Uau, que quarto! — entusiasmou-se a Miriam. — As paredes ainda estão um bocadinho despidas,

mas isso é fácil de resolver. — Reparou no cartaz de *A Noite dos Vampiros* que estava pendurado atrás da porta. — Ainda o tens! Continuas a gostar do protagonista? — perguntou, a apontar para o ator pálido que tinha interpretado o papel principal no filme. — Eu também! — continuou, sem esperar resposta, e deixando-se cair na cama.

A Ida sorriu. A amiga estava a fazer-lhe companhia!

— É tão lindo! — continuou a Miriam. — Lembra-te de quando fomos ver o filme ao cinema?

Nessa ocasião, a sua mãe tinha-se sentado três filas atrás delas para as manter debaixo de olho, mas a Ida preferia não pensar nisso.

— Ai, quantos lenços gastámos nesse dia! Que lindo! — A Miriam dirigiu-lhe um olhar de felicidade. — E as tardes com o DVD! Acho que sei o filme de cor. Devemos tê-lo visto cinco vezes. Ou será que foram seis? — A menina baloiçava-se para trás e para a frente, a abraçar os joelhos. — Ainda o tens? É que, se quiseres, podemos vê-lo outra vez. Conte-te que no outro dia sonhei que era vampira?...

A Miriam continuava a falar sem parar. Parecia que se tinha esquecido do segredo que a Ida lhe ia contar.

Esta, entretanto, perguntava-se se seria boa ideia confiá-lo à tagarela da sua amiga. Os únicos que estavam a par da existência da Loja dos Animais Mágicos eram os seus colegas de turma. O Benni e o Jo que, como ela, já tinham cada um o seu animal, eram os que estavam mais inteirados. Os restantes eram cúmplices do segredo e aguardavam os seus companheiros mágicos.

A professora Cornfield tinha prometido que todos teriam um. Bem, «todos os que precisem de um», tinham sido as suas palavras.

O que a Miriam pensaria do senhor Morrison? Ai, céus! A Ida não sabia o que fazer. Desde que a Rabbat a acompanhava que tinha perdido o hábito de tomar decisões importantes sozinha. Teria adorado poder consultar a raposa, mas esta tinha-se escondido debaixo da cama.

A Miriam continuava a disparar frases e palavras sem parar. Naquele momento dava-lhe pormenores da tempestade:

— ... e fazia tanto vento que, no recreio, os gorros voavam-nos da cabeça. Ao meio-dia, por fim, evacuaram o colégio. — Atirou a almofada da Ida ao teto

e apanhou-a no ar. — Evacuaram-nos! Acreditas? Mandaram-nos para o pátio e disseram-nos para irmos para casa, então... olha, Ida, estás a ouvir?

A sua amiga mordiscava a ponta de uma madeixa ruiva. Por fim, fez das tripas coração e olhou para a amiga com um ar sério.

— Tenho de te contar — anunciou num tom que até a si mesma pareceu estranho, quase adulto. — Tens de me prometer que não vais julgar que estou louca. E promete-me também que, se a terra se abrir e me engolir quando te contar o segredo, vais salvar-me.

— De que é que estás a falar? — perguntou a Miriam, com os olhos arregaladíssimos.

A Ida inspirou profundamente. Não sabia por onde começar. Nesse instante, a ponta de uma cauda castanha-avermelhada apareceu por baixo da cama. Era a solução!

— Rabbat, importas-te de sair daí de baixo por um bocadinho?

A cauda desapareceu e, no seu lugar, surgiram duas patinhas com garras negras.

A Miriam deixou escapar um grito.

Em seguida, apareceu um pedacinho de pelo castanho-arruivado e um nariz preto. Depois, um par de olhos da cor do âmbar e umas orelhas brancas.

— Que cena! — exclamou a amiga da Ida. — Tens um cão? — A seguir, interrompeu-se e franziu o sobrolho. — Não... não é um cão, pois não?

— É a Rabbat, a minha raposa. — A Ida engoliu em seco. — É mágica.



A menina fez uma pausa e esperou que algo imprevisível acontecesse. Que um raio atravessasse o teto e a atirasse ao chão. Ou que ficasse com o cabelo todo branco. Ou que os vidros das janelas se estilhaçassem de repente. Esperava o castigo do senhor Morrison, o qual, segundo julgava, estaria na sua loja mágica a sentir até na ponta dos dedos que ela acabava de quebrar o juramento.

Mas não aconteceu nada. A Ida inspirou fundo.

Onde estava o trovão? Voltou a respirar. Por que não se rasgava ao meio o cartaz de *A Noite dos Vampiros*? Inspirou de novo. O seu velho espelho continuava fixo na parede e não caíra no chão, desfeito em mil cacos.

Insegura, olhou para a Miriam e depois para a Rabbat. Não sabia o que dizer. A raposa brincava tranquilamente com uma bolinha que tinha encontrado debaixo da cama.

— Vês, ruivinha? — murmurou. — Não aconteceu nada. Conheço o senhor Morrison melhor do que tu.



O resto dessa segunda-feira foi precisamente o oposto do que tinha sido até então: agora era a Ida quem não parava de falar, enquanto a Miriam escutava, boquiaberta e de olhos esbugalhados.

— O Colégio Winterstein é muito normal — explicou. — Tem um pavilhão polidesportivo, uma sala de informática e tudo. A nossa professora é a menina Cornfield. É escocesa, prende o cabelo com agulhas de tricô e é a professora mais estranha que possas imaginar. E depois há o senhor Morrison. Tem uma loja de animais mágicos, para nós.

— Mágicos? — estranhou a Miriam. — Queres dizer que estão enfeitiçados?

— Mais ou menos. O senhor Morrison recolhe-os por todo o mundo, e depois tenta encontrar-lhes um companheiro humano. Os animais mágicos só podem ser felizes desta maneira. Eu fui a primeira a receber um. Eu e outro rapaz daqui do bairro, que se chama Benni. O meu animal é a Rabbat. — A Ida fez uma festa na cabeça da raposa, que se tinha deitado a seu lado. — O Benni tem uma tartaruga chamada Henrietta. E o Jo, que também é da minha turma, tem o Yuri, um pinguim. E podemos falar com os nossos animais. Mas só eu ouço o que a Rabbat diz.

— Incrível — sussurrou a Miriam, que andava de um lado para o outro no quarto. — Que sorte a vossa! E quem será o próximo?

A Ida encolheu os ombros.

— Não se sabe.

De repente, a Rabbat soltou um gemido e levantou-se. A Miriam tinha tropeçado nela.

— Desculpa — pediu-lhe. — É que às vezes não a vejo. Claro, como... não... — procurou as palavras certas — ... como não sou do clube.

— Amanhã já vais conhecê-lo — garantiu-lhe a Ida. — O clube, quero dizer. Mas lembra-te: não digas que te contei o segredo. Promete-me!

— Prometo! — asseverou a Miriam. Sentia tanta emoção que até estava corada.

Quanto à Ida, estava nervosa. O que diria a professora Cornfield quando a Miriam aparecesse na aula?



ESTE COLÉGIO TEM UM SEGREDO!

Sabias que o planeta está cheio de animais que falam? Sim, é verdade! E o senhor Mortimer percorre o mundo na sua carrinha em busca destas criaturas mágicas. Elas estão a chegar ao Colégio Winterstein e tu vais adorar conhecê-las!

A visita da Miriam, a melhor amiga da Ida, vai revolucionar o colégio. Ninguém pode saber da existência dos animais mágicos, mas a Miriam é tão curiosa que é difícil esconder-lhe o que quer que seja.

Além disso, apareceram buracos misteriosos por todo o colégio e o edifício corre o risco de desabar.

O que terá acontecido? E será que mais alunos vão receber os seus animais mágicos?

QUE COMECE A AVENTURA!



livros que saltam à vista

20/20 editora

ISBN 978-989-707-866-8

9+



9 789897 078668

Literatura Juvenil

Já tens este?